

teatroviriato



© Estelle Valente

07
JUNHO'24

TEATRO

local

Sala de Espetáculos

TERMINAL
(O ESTADO DO MUNDO)
DE FORMIGA ATÓMICA

90 min.

m/ 14 anos

Encenação **Miguel Fragata**

Texto **Inês Barahona**

Interpretação **Anabela Almeida,**

Carla Galvão, Miguel Fragata,

Vasco Barroso e (música ao vivo)

Hélder Gonçalves e Manuela Azevedo

Música **Hélder Gonçalves**

Cenografia **Eric da Costa**

Desenho de luz **Rui Monteiro**

Figurinos **José António Tenente**

Assistência de encenação **Beatriz Brito**

Apoio ao movimento

Victor Hugo Pontes

Construção da cenografia e adereços

Eric da Costa, João Salgado,

José Pedro Sousa e Paula Hespanha

Desenho de som **Nelson Carvalho**

Assistência e operação de som

Tiago Correia

Direção técnica

Luís Ribeiro e Nuno Figueira

Produção executiva

Luna Rebelo e Sofia Bernardo

Produção **Formiga Atómica**

Coprodução **Cine-Teatro São Pedro**

de Alcanena, Lavrar o Mar,

RTP – Rádio e Televisão de Portugal,

Teatro Municipal de Ourém,

Teatro Nacional D. Maria II,

Teatro Nacional São João,

Teatro Virgínia, Teatro Viriato,

Trigo Limpo teatro ACERT, Théâtre du Point du Jour, Festival d'Avignon

Coprodução fase de pesquisa

Arquipélago – Centro de Artes

Contemporâneas, Centro Cultural

do Cartaxo, Comédias do Minho,

Companhia Mascarenhas-Martins,

Município de Mértola,

Município de Setúbal

Apoios **CEA - Centro de**

Experimentação Artística, SDivine

Fátima Hotel – Congress & Spirituality,

Polo Cultural Gaivotas | Boavista,

Teatro Meridional

Agradecimentos **António Leitão, Bruno**

Melo/Gate7, David Palma, Diogo Pires/

SAFRA, Josué Maia, Marina Almeida,

SDivine Fátima Hotel – Congress &

Spirituality, Tiago Coelho/RSC Xpress

A Formiga Atómica é uma estrutura

apoiada pela **República Portuguesa –**

Cultura / Direção-Geral das Artes.

TERMINAL (O ESTADO DO MUNDO)

“Terminal” aponta para uma ideia de fim, mas aponta também para uma ideia de interface, de ligação para outra dimensão, outra linguagem. Se queremos concentrar-nos, por um lado, na ideia da morte de uma certa visão da humanidade, que se encontra na devastação da natureza por toda a parte – essa festa despudorada do ser humano enquanto tudo arde –, queremos também atravessar o “terminal” para o futuro, procurando vislumbrar uma nova cosmogonia a emergir por força da ameaça da extinção humana.

Quatro atores e dois músicos habitam este terminal e contam-nos a sua história, antes que chegue o desfecho. Todos procuram saídas. Enquanto as inventam, adia-se o fim do mundo.

Que faremos quando tudo arde?

“Terminal (O Estado do Mundo)” é o segundo espetáculo de um díptico em torno da crise climática iniciado em 2021 com “O Estado do Mundo (Quando Acordas)” e foi precedido por um extenso processo de pesquisa no território ao longo do ano de 2023.



ENTREVISTA

A INÊS BARAHONA E MIGUEL FRAGATA

Entrevista concedida em maio de 2024, por escrito, a Agnès Santi (Journal La Terrasse)

Agnès Santi: A primeira parte do vosso díptico em torno da crise climática, dedicado a público jovem, tinha por título “O Estado do Mundo (quando acordas)”. Três anos mais tarde, de que forma é que esta segunda parte prolonga o vosso projeto inicial? E porquê este título “Terminal”?

Inês Barahona e Miguel Fragata: Se o primeiro espetáculo se aproximava mais de uma dimensão de ação individual, a partir de um ponto de vista ocidental e muito concreto, a segunda parte deste díptico está mais fundada na ideia de apelo à imaginação coletiva do futuro, retomando a força das utopias.

Esta segunda parte foi olhada, desde o início, como um outro projeto, no sentido em que queríamos aprofundar, mais do que prolongar, a nossa pesquisa em torno da crise ambiental e climática.

Nessa altura, estávamos – como ainda estamos, hoje – muito inquietos com um conjunto de dimensões às quais parece não ser muito fácil chegar. Esta ideia de que há coisas “intocáveis”, “imutáveis”, não casa muito bem com a realidade. Vemos como o nosso sistema económico põe as suas mãos nos sistemas políticos, nas nossas democracias, nas nossas vidas, nas vidas daqueles que vivem muito longe de nós, mesmo daqueles que não partilham necessariamente a nossa forma de viver, como os povos indígenas. Se queremos mudar, tudo tem de estar em causa. E era esta dimensão mais profunda – talvez existencial – que nos atraía.

Decidimos então lançar-nos ao caminho e percorrer os territórios dos nossos parceiros, um pouco por todo o lado no país, mas também Lyon e Avignon, para ouvir as pessoas, as suas memórias, as suas esperanças, dificuldades, as suas leituras da realidade, as suas utopias mais ou menos secretas, mais ou menos partilhadas. Pedimos que nos dissessem como olham para o mundo que está a colapsar, como encaram o desabamento de uma certa ideia de civilização, o que pensam acerca da humanidade, o que estão a pôr em marcha para o futuro.

Todos estes elementos alimentaram a criação de “Terminal – O Estado do Mundo”.



O termo “terminal” foi escolhido como título por causa do seu sentido duplo. Por um lado, “terminal” indica um fim. E é inegável que há uma data de elementos que estão a chegar ao fim, agora mesmo, enquanto escrevemos estas linhas. Há organismos que estão a ser declarados extintos agora mesmo, por toda a parte no planeta. Mas, ao mesmo tempo, os seres humanos inventaram uma ideia de “terminal” como lugar de passagem, de onde podemos começar um novo caminho, apanhar um novo transporte, assumir um novo destino final. Em “Terminal – O Estado do Mundo” podemos encontrar o fim e também, de um certo modo, um “germinal”, o lugar onde germinam as sementes do futuro.

AS: Como dar conta em cena dos múltiplos aspetos complementares de um tema tão vasto? Que escolhas tiveram de fazer? Que prioridades assumiram?

IB & MF: A dificuldade de abordar um tema tão vasto foi um enorme desafio. E não foi só porque o tema era vasto, foi também o facto de que

ele parece desencadear muito rapidamente reações alérgicas muito fortes... e paixões assolapadas também.

Depois de reunir elementos de várias fontes: científicas, políticas, económicas, sociológicas, demográficas, literárias, depois da nossa *tournée* de um ano que passou por 27 locais, depois de centenas de entrevistas, uma dezena de documentários – precisávamos de tomar uma decisão sobre a criação. Tínhamos duas possibilidades: ou ficávamos numa zona de proximidade com a pesquisa, navegando à vista, o que nos colocaria numa relação de grande proximidade com a realidade, ou então deixávamo-nos contaminar pelas impressões desta *tournée*, investindo mais sobre uma lógica de construção de um imaginário por vir, simbólico, não tanto metafórico. Acabámos por escolher a segunda opção.

AS: A vossa companhia, Formiga Atómica, alimenta frequentemente os seus projetos artísticos de pesquisa em ligação com o público e o território. Que pesquisas fizeram para esta criação? O que é que elas vos trouxeram?

IB & MF: De cada vez que criamos um novo espetáculo, partimos para o terreno com uma enorme curiosidade sobre tudo aquilo que as pessoas que encontramos podem contar-nos a propósito do tema. Construimos normalmente um programa de participação que, no final, transmite ao objeto artístico alguma coisa desta atmosfera e destas trocas. Desta vez, criámos um programa de uma semana – o tempo aproximado de permanência em cada local –, que tocava aspetos diferentes, com a cumplicidade de outros artistas e investigadores.

Criámos dois documentários “Regresso ao Futuro” e “Improváveis de Costas Voltadas”. No primeiro, fizemos entrevistas a pessoas que tinham memórias de lugares que tinham desaparecido e que só existiam na sua evocação da memória. O segundo corresponde a uma coleção de entrevistas que fizemos a pessoas que provavelmente não se encontrariam nas suas vidas quotidianas. Num encontro às cegas, essas pessoas respondiam a um guião de perguntas que se repetia de cada vez. O filme que resulta dessas entrevistas testa a nossa hipótese: será que, em presença, duas pessoas tentam aproximar-se, mesmo se pertencerem a campos ideológicos opostos?

Também apresentámos “Teatro Fora de Formato”, formas teatrais que aconteciam sem aviso prévio, em lugares públicos. Aí, contava-se uma história de família e de uma caixa misteriosa desaparecida. Esta história era contada por 4 atores e era composta por 4 monólogos e um diálogo com diferentes visões sobre a crise familiar (e a crise climática). Estas formas teatrais testavam a disponibilidade do público para aceitar um momento teatral inesperado, para ouvir falar da crise climática e ver-se confrontado com a irrupção de fenómenos surpreendentes no seu quotidiano.

Desafiámos ainda as rádios locais para receber uma programação inteiramente dedicada à questão da crise ambiental, com convidados locais e os seus projetos de sustentabilidade, mas também entrevistas com cientistas, filósofos, uma rubrica de humor, *playlists* verdes... Foi a forma que encontrámos de chegar a um público mais vasto e por vezes afastado dos grandes centros.



Finalmente, trabalhámos também com um sociólogo que nos ajudou a construir um questionário que procura aferir a disponibilidade dos públicos da cultura para a mudança de gestos quotidianos, em diferentes dimensões: mobilidade, consumo, alimentação, etc. O resultado será um estudo sociológico que nos permitirá ver onde é que residem bolsas de resistência, ou onde é que poderemos ganhar tração face à crise.

Todas estas atividades evidenciaram sensibilidades diferentes, preocupações, visões acerca do presente e do futuro, desejos de memória... De todas elas fomos beber para a criação do espetáculo. Desta vez, a ligação não foi direta, olhamos para ela mais como uma enorme coleção de imagens, pensamentos e personagens.

AS: Que linguagens artísticas são solicitadas pela vossa criação?

Trata-se de uma ficção documentada, na qual a realidade e a ficção se misturam?

IB & MF: Em cada nova criação, pensamos sempre nos artistas com



quem gostaríamos de trabalhar. No caso do “Terminal”, tínhamos a intuição de que a linguagem da música poderia ser forte. Por um lado, a música aproxima-nos, através da sua universalidade, por outro lado, a música tem uma liberdade enorme, o que era essencial para criar visões de futuro que não estivessem tomadas pelo nosso vocabulário esgotado. Convidámos o Hélder Gonçalves para compor a música e a Manuela Azevedo para “mestre de cerimónias” – além de cantar, claro. Depois, trabalhamos de perto com o cenógrafo, Éric da Costa, com o designer de luz, Rui Monteiro, e com o figurinista, José António Tenente, para que este universo que procurávamos pudesse ir aparecendo, até mesmo antes do próprio texto. O trabalho com os intérpretes permitiu habitar o espaço com uma vida que é mais simbólica do que documental. Mais do que ficcional, cada personagem representa um tipo de sensibilidade face à questão da crise. E a verdade é que conseguimos ouvir-nos a nós próprios nas suas vozes, mesmo que elas não sejam exatamente reais.

AS: Em que ponto estamos hoje nesse “acordar”? Como olham para o futuro? Como é que ele aparece na vossa criação?

IB & MF: Pensamos muitas vezes numa imagem do quotidiano. O despertador toca já há algum tempo, mas adiamo-lo por 10 minutos, de cada vez. Assim, dormimos mais um bocadinho. E é assim, um bocadinho de cada vez, que adiamos o confronto com o dia, ou então, com a catástrofe – uma catástrofe que foi anunciada ainda antes que o nosso despertador tivesse começado a tocar.

Na primeira parte deste díptico, o título era “O Estado do Mundo (quando acordas)”. Nesse espetáculo, estávamos obrigados à esperança. Ressoava em nós qualquer coisa de parecido com o que ouvimos de um ativista que entrevistámos: “sei que a nossa luta será provavelmente um fracasso, mas se não acreditasse nela, se não me alimentasse de esperança, não faria nada”. O futuro, nesse espetáculo, está intrinsecamente ligado a uma ideia de ação coletiva. Passamos por histórias de vida singulares no mundo, para descobrir uma sociedade secreta de crianças que têm planos para mudar o mundo.

No espetáculo “Terminal”, jogamos com a ambivalência do título. Se, por um lado, pensamos no fim, por outro, pensamos na mudança de rota, numa forma de continuar. Nesse espetáculo, o pensamento sobre o futuro está ligado a uma ideia de imaginação, a tentativas, a experiências, a idas e vindas no território do possível, sempre a partir de um mesmo presente – o nosso. Estamos verdadeiramente numa encruzilhada e não sabemos o que virá. O que podemos fazer? Seguramente, imaginar. E, se possível, em conjunto.

FORMIGA ATÓMICA

A Formiga Atómica é uma companhia de teatro, fundada e dirigida por Miguel Fragata e Inês Barahona. As suas criações inscrevem-se em questões contemporâneas e destinam-se a todos os públicos. Os espetáculos da Formiga Atómica são habitualmente antecedidos por períodos de pesquisa motivados pela questão que abordam.

Entre as suas criações destacam-se “A Caminhada Dos Elefantes” (2013), “The Wall” (2015), “Do Bosque Para O Mundo” (2016), “Montanha-russa” (2018), “Fake” (2020), “O Estado Do Mundo (quando Acordas)” (2021) e “Má Educação” (2022).

A companhia circula regularmente pelo território português, mas também por Espanha, França, Bélgica, Suíça, Alemanha, Brasil e Colômbia, tendo concebido versões francesa, alemã e castelhana de vários dos seus espetáculos.

Presença regular em alguns dos mais importantes festivais internacionais de teatro, a Formiga Atómica apresentou o espetáculo “Do Bosque Para O Mundo” em 2018, na 72ª edição do Festival d’Avignon. A companhia repetirá a sua presença neste importante festival em 2024, com a estreia francesa de “Terminal (o Estado Do Mundo)”.

Entre 2022 e 2025, os diretores artísticos da Formiga Atómica, Miguel Fragata e Inês Barahona, são artistas associados do Théâtre du Point du Jour, em Lyon.

MIGUEL FRAGATA (Porto, 1983)

É licenciado em Teatro pela ESTC e completou o Bacharelato em Teatro na ESMAE. Trabalhou como ator em espetáculos de Gabriel Villela [BR], Cristina Carvalhal, Jorge Andrade/ mala voadora, Agnès Desfosses [FR], Madalena Victorino, entre outros.

Em 2014 fundou, com Inês Barahona, a Formiga Atômica, companhia de que é diretor artístico e onde desenvolve trabalho como encenador. As suas criações inscrevem-se em questões contemporâneas e são antecedidas por períodos de pesquisa motivados pela questão que abordam. Entre as suas criações, destacam-se: “A Caminhada Dos Elefantes” (espetáculo de que é também ator a solo e que interpreta, há 10 anos, em quatro línguas), “The Wall”, “Do Bosque Para O Mundo”, “Montanha-russa”, “Fake”, “Pranto de Maria Parda”, “O Estado Do Mundo (quando Acordas)” e “Má Educação”.

Os seus espetáculos têm sido apresentados em teatros e festivais por todo o território nacional, Espanha, França, Suíça, Bélgica, Alemanha, Brasil e Colômbia.

Leciona, desde 2021, o atelier de Interpretação do 3º ano do curso profissional da ACT – Escola de Atores.

É autor do livro “Pranto de Maria Parda”, editado pela Bicho do Mato e, a par com Inês Barahona, do livro “Ciclone – Diário De Uma Montanha Russa”, editado pela Orfeu Negro e vencedor do *Prémio Autores SPA* (2020).



INÊS BARAHONA (Lisboa, 1977)

Licenciada em Filosofia. Mestre em Estética e Filosofia da Arte pela Faculdade de Letras (Universidade de Lisboa).

Ingressou no Centro de Pedagogia e Animação, do Centro Cultural de Belém, em 2005, sob a direção de Madalena Victorino, onde desenvolveu projetos de relação entre as artes e a educação para público escolar, familiar e especializado.

Desenvolveu, em 2008, com Madalena Victorino e Rita Batista, para a Direção-Geral das Artes, “O Livro Escuro e Claro”, cuja distribuição acompanhou em 2012, dando formação a equipas e professores. Colaborou ainda na conceção da exposição “Uma Carta Coreográfica” da autoria de Madalena Victorino, para a Direção-Geral das Artes, do Ministério da Cultura de Portugal. Integrou a equipa de Giacomo Scalisi, vertentes de Produção e Relação com a Comunidade, na inauguração do Teatro Municipal de Portimão, em 2008. Trabalha em áreas como a escrita e a dramaturgia, com Madalena Victorino, Giacomo Scalisi,

Teatro Regional da Serra de Montemuro, Catarina Requeijo, Ana Vargas e Guilherme Gomes.

Encenou, em 2012, o espetáculo “A Verdadeira História do Teatro”, para o Teatro Maria Matos, em 2013, “A Verdadeira História da Ciência”, para a Fundação Calouste Gulbenkian. Fundou, em 2014, a companhia Formiga Atômica com Miguel Fragata, com quem cocriou os espetáculos “A Caminhada dos Elefantes” (2013), “The Wall” (2015), “A Visita Escocesa” e “Do Bosque para o Mundo” (2016), “Montanha-russa” (2018), “Fake” (2020), “O Estado do Mundo (Quando Acordas)” (2021) e “Má Educação” (2022), ocupando-se da escrita dos textos. Dá formação na área da escrita e mediação.

É autora, a par com Miguel Fragata, do livro “Ciclone - Diário de uma Montanha Russa”, editado pela Orfeu Negro e vencedor do *Prémio Autores SPA* (2020).



VIVACE Dão - Quinta do Perdigão • **ANDANTE** Seridois • **ADÁGIO** Alexandre Aibéo • Ana Cristina Almeida • Ana Maria Albuquerque • Ana Lúcia Peres • Benigno Rodrigues • Centro de Saúde Familiar de Viseu, Lda • Cristina Machado • Eduardo Melo e Ana Cristina Andrade • Fátima Ferreira • Fernando Gomes Morais • Isabel Pais e António Cabral Costa • Isaiás Pinto • Joana Santareno • José Luís Abrantes • Júlia Alves • Júlio da Fonseca Fernandes • Lurdes Poças • Magdalena Rondeboom e Pieter Rondeboom • Marina Bastos • Martin Obrist e Maria João Obrist • Nanja Kroon • Né • Patrícia Mateiro Santos • Paula Nelas • Paula Costa • Renato Soeiro Lopes e Margarida Leitão • Ricardo Brazete e Conceição Silva • Rita Brazete • Vox Visio Coral • **JÚNIOR** Carlota Oliveira Marques • Gaspar Gomes • Manuel Meireles • E outros que optaram pelo anonimato.

MECENAS



APOIO À DIVULGAÇÃO



UNIDADE LOCAL DE SAÚDE
VISEU DÃO-LAFÕES



Henrique Amoedo *Direção Artística* • Sandra Correia *Direção Administrativa e Financeira* • Maria João Rochete *Adjunta de Direção* • Carlos Fernandes *Coordenação de Produção* • Gi da Conceição *Produção* • Paulo Matos *Coordenação Técnica* • Nelson Almeida e Filipe Jesus *Técnicos de Palco* • Ana Filipa Rodrigues *Comunicação e Imprensa* • Mafalda Guedes Vaz *Comunicação* • Teresa Vale *Design Gráfico* • Tomás Pereira *Técnico de Vídeo* • Gisélia Antunes *Coordenadora de Frente de Casa e Bilheteira* • Susana Cardoso *Assistente de Bilheteira/Mediação de Público* • **Colaboradores** António Ribeiro de Carvalho *Assuntos Jurídicos* • José António Loureiro *Eletricidade* • Contraponto *Contabilidade* • Splendit Evolution *Informática* • Carlos Fernandes e Raquel Balsa *Fotografia de Espetáculo* • Gi da Conceição *Visitas Guiadas* • Segurança e Vigilância 3XL (Nadine Carlos Martins e José Alberto Dias) • Maria Alice Marques e Teresa Maria Amaral *Limpeza* • **Acolhimento do Público** Carolina Barros, Carolina Pinhão, Diana Silva, Inês Simões, José Vaz, Juan Piñero, Leonor Esteves, Marco Garcia, Mariana Silva, Pedro Aires, Pedro Rodrigues e Rita Afonso

estrutura financiada por:



entidade
credenciada
e financiada pela:



Próxima atividade



© Sofia Bernardo

DOCUMENTÁRIO 08 JUN

IMPROVÁVEIS DE COSTAS VOLTADAS

de FORMIGA ATÓMICA | realização JUNO

sáb 17h00 | 60 min. aprox.

m/ 12 anos

SUBSCREVA
A NOSSA NEWSLETTER.
ESTEJA SEMPRE
A PAR DAS NOVIDADES.

➤
FORMULÁRIO